

## INTRODUÇÃO:

### ABORDAGENS ANTROPOLÓGICAS DOS RESÍDUOS SÓLIDOS EM SOCIEDADES PÓS-INDUSTRIAIS<sup>1</sup>

Freek Colombijn e Carmen Rial

Este livro trata de pesquisas sobre resíduos sólidos realizadas por antropólogos e sociólogos na Holanda e no Brasil. Muitos dos autores aqui incluídos participaram do projeto “Modernidade, o meio ambiente e novas noções sobre lixo e pureza”, coordenado por Freek Colombijn (VU University) e Carmen Rial (UFSC), que teve o apoio da CAPES e do NUFFIC. Eles proporcionam, com suas pesquisas em terras alheias, um olhar cruzado – da Holanda sobre o Brasil, ao qual estamos mais acostumados, dada a longa tradição de pesquisadores estrangeiros aqui – mas, também, do Brasil sobre a Holanda (ou, se quiserem, do Sul global sobre o Norte) o que, sem dúvida, mesmo não sendo um procedimento absolutamente inédito, é representativo do incremento considerável assistido nas duas últimas décadas nas pesquisas em Ciências Humanas. Assim, os dois capítulos iniciais são de holandeses que visitaram o Brasil (Belo Horizonte e Florianópolis) e cinco entre os outros capítulos são de brasileiras que pesquisaram na Holanda.

Aqui, na Holanda e no resto mundo, o lixo é um dos grandes desafios a ser enfrentado no século XXI. Sendo a parte final da cadeia de consumo, sua geração cresceu enormemente nas sociedades ideologicamente centradas no consumo as quais têm dificuldades em gerir o seu descarte – ainda mais quando este é um descarte selvagem, gerando, como no oceano, enormes ilhas de lixo.<sup>2</sup> De fato, é

---

1 Tradução de Carla Pires Vieira da Rocha.

2 “O plástico leva de 500 a 1.000 anos para se decompor e o faz em partículas pequenas que vão diretamente para os córregos, rios e oceanos. Se diz que estas

um truísmo afirmar que a quantidade de resíduos sólidos produzidos diariamente é enorme. O Monte Everest tornou-se um símbolo das grandes proporções que o problema dos resíduos sólidos atingiu. Alpinistas deixaram uma quantidade estimada em 50 toneladas desses resíduos nas encostas, incluindo garrafas, recipientes para alimentos e equipamentos quebrados. Afora isso, mais de duzentos cadáveres foram estimados no local. No ano de 2010, em uma missão de limpeza, alpinistas coletaram cerca de duas toneladas de resíduos sólidos na área acima de 8.000 metros. Desde então, essas missões têm sido repetidas regularmente. Hoje, alpinistas são obrigados por lei a trazer de volta 8 kg de resíduos – quantidade média estimada do que é levado por cada pessoa. Isso não inclui as 12 toneladas de fezes humanas deixadas na montanha por ano, apresentando um risco grave para a saúde.<sup>3</sup>

Embora não se restrinja ao meio urbano, o problema está concentrado nas cidades. Cidades no Sul Global coletam apenas 50-80 por cento dos resíduos gerados. Em cidades como Dar Es Salaam e Lusaka são apenas 10 por cento (BEALLI e FOX, 2009, p. 142; MEDINA, 2000, p. 52). Bangalore, centro de negócios de tecnologia da informação da Índia, e também conhecida como cidade jardim da

---

partículas são encontradas em concentrações maiores do que o plankton natural e os micróbios marinhos e estão sendo consumidas por seres humanos e todas as outras espécies, criando a longo termo um risco ainda desconhecido para a saúde” (MONTALVO e MARTIN, 2015, p. 17).

3 Nidhi Subbaraman, Nepal enlists Mt. Everest climbers to clean trash-strewn slopes, [www.nbcnews.com](http://www.nbcnews.com) 4-3-2014, acesso em 9-12-2015; How we turned Mount Everest in a waste dump, *The week*, 28-3-2015, <http://theweek.com/articles/546387/how-turned-mount-everest-into-dump>. Acesso em: 19 jan. 2016. Outra figura frequentemente citada para mostrar a magnitude do problema dos resíduos é a dos 20 bilhões de fraldas descartadas a cada ano nos Estados Unidos (3.5 milhões de toneladas de resíduos). Amber Keefer, Environmental impact of disposable diapers [última atualização em 24 de junho de 2015], <http://www.livestrong.com/article/149890-environmental-impact-of-disposable-diapers/>. Acesso em: 19 jan. 2016.

Índia e, hoje, apelidada de “Cidade Lixo”. *Smokey Mountain* é um aterro sanitário em Manila que foi fechado porque o lixo em decomposição se tornou tão quente, que passou a queimar espontaneamente (BEALL e FOX, 2009, p. 143).

O número de publicações científicas sobre resíduos é tão grande quanto o próprio volume de resíduos. A busca por “resíduos sólidos” no Google Scholar gera 2,7 milhões de acessos.<sup>4</sup> Há, também, muitas revistas especializadas, como a *Waste Management* ou *Resources, Conservation and Recycling*. Outras revistas, como *Sustainable Development, Environment, Development and Sustainability, Environment and Urbanization* e *Habitat International*, para mencionar algumas, igualmente contêm muitos artigos sobre resíduos sólidos.

Qualquer autor corajoso (ou tolo) o suficiente para escrever uma introdução sobre o estudo de resíduos sólidos deve estabelecer brevemente algumas delimitações ao tema e desistir de toda a pretensão de ser abrangente, para não se sufocar nas pilhas e pilhas de publicações. Nesta introdução, vamos concentrar o foco nas abordagens antropológicas para o estudo de resíduos sólidos nas sociedades pós-industriais. Esta delimitação do tema levanta imediatamente novas questões a respeito de delimitação de nosso assunto com relação ao que entendemos por antropologia e sociedade pós-industrial.

Thomas Hylland Eriksen (2010a, p. 4) definiu a antropologia social e cultural como “o estudo comparativo da vida cultural e social”, mas admite que estudos particulares frequentemente se concentram em situações particulares, deixando as intenções comparativas implícitas. O conceito que define a disciplina é, provavelmente, “cultura”, podendo ser definido como “aquelas habilidades, conceitos e formas de comportamento que as pessoas adquiriram como membros da so-

---

4 Google Scholar. Acesso em: 9 dez. 2015.

cidade” (ERIKSEN, 2010a, p. 3). Neste sentido, cultura é comportamento e ideias, tanto na prática como em potencial (“habilidades”). É algo que se dá por meio da aprendizagem social, sendo, portanto, conhecimento compartilhado. Cultura é o que as pessoas necessitam aprender a fim de sobreviverem em um ambiente físico e social, em situações que podem variar de uma cabana na árvore em alguma floresta tropical para um bate-papo entre advogados em um bar depois do trabalho.

A antropologia é definida não apenas pelo seu assunto, mas também pela sua principal metodologia de pesquisa, a observação participante. A observação participante significa que o pesquisador passa muito tempo com seus sujeitos de pesquisa em contextos formais e informais, observando e experimentando a vida diária de seus interlocutores e interlocutoras. Este método, ou um ‘estar junto denso’ (*deep hanging out*), como foi denominado, é a única maneira de o pesquisador se abrir para os pontos de vista dos sujeitos da pesquisa, sem ser conduzido por preconceitos. Tentar ver as situações sociais através dos olhos dos participantes é outro ingrediente essencial no modo pelo qual a antropologia estuda o mundo, mas o respeito à opinião dos informantes não se opõe a uma posição individual e analítica do antropólogo.

A atenção para a interpretação dos sujeitos da pesquisa de uma determinada situação força os antropólogos a levarem em conta as desigualdades sociais e, particularmente, as desigualdades de poder. Quem, na sociedade, tem o maior peso no que são as normas culturais, e quem detém a interpretação hegemônica de uma situação? O poder, especialmente em suas manifestações mais informais, é tão central quanto a cultura para a antropologia cultural.

A abertura à visão de dentro é premissa do relativismo cultural e indiretamente estimula antropólogos e antropólogas a olharem, a partir de uma nova perspectiva, para sua própria sociedade. Esta ca-

pacidade para refletir criticamente e de maneira não convencional sobre a própria sociedade é definida de forma adequada no ditado de que os antropólogos transformam o estranho em familiar e o familiar em estranho. Nas palavras de Emma Crewe e Richard Axelby: “Ao adotar-se perspectivas antropológicas, hipóteses são desmontadas, etnocentrismos são ressaltados, explicações estabelecidas são questionadas, ceticismos são introduzidos, perspectivas são desafiadas” (CREWE e AXELBY, 2013, p. 222). E “Ao considerar pontos de vista alternativos, a antropologia garante que entendimentos simplistas sejam substituídos através da contextualização rica, pela ambiguidade, [e] por novas perspectivas” (CREWE e AXELBY, 2013, p. 222). Acreditamos que esta atitude fundamentalmente crítica torna a antropologia, mais do que uma profissão, um modo de viver: “Como as matemáticas ou a música, a etnografia é uma das raras vocações autênticas” (LÉVI-STRAUSS, 1955, p. 57).

Uma última característica da disciplina é sua perspectiva holística. Este atributo decorre do tempo despendido por um pesquisador nos longos períodos em campo e de ter de analisar, por si mesmo, todas as dimensões envolvidas. Bronislaw Malinowski, sempre lembrado quando se evoca a pesquisa de campo, tinha de estudar a geografia e a cultura material, as trocas econômicas e rituais, as relações sociais e as técnicas de navegação, a magia e o sistema político dos trobriandeses, porque não havia geógrafos especializados, economistas, cientistas políticos, teólogos, sociólogos ou especialistas marinhos para assisti-lo. Para Malinowski, adotar uma perspectiva holística era um dever para os antropólogos:

Certamente, uma das primeiras condições para um trabalho etnográfico aceitável, é que ele deve lidar com a totalidade de todos os aspectos sociais, culturais e psicológicos da comunidade, pois eles são de tal maneira entrelaçados que um não pode ser compreendido sem levar em consi-

deração todos os outros” (MALINOWSKI, 1966 [1922], p. xvi).

Embora, hoje, nenhum antropólogo se arrisque a escrever uma etnografia tão completa como foi feito na primeira metade do século XX e, mesmo que agora tenhamos especialistas em antropologia econômica, antropologia religiosa, antropologia política etc., a propensão para ver as sociedades a partir de uma perspectiva holística é ainda muito viva na antropologia.

Acreditamos que esta caracterização da antropologia é útil porque as diferentes abordagens antropológicas relativas aos resíduos sólidos discutidas brevemente a seguir derivem diretamente desses atributos. Aliás, é uma coincidência notável que dois dos trabalhos recém citados por nós (ERIKSEN, 2010a; CREWE e AXELBY, 2013) têm a mesma ilustração da capa: dois meninos em busca de resíduos recicláveis no lixão Agbogbloshie, em Gana. As duas figuras são delimitadas pela moldura vazia de uma tela de computador.

Conjuntamente a “abordagens antropológicas” e “resíduos sólidos”, o terceiro termo-chave no título deste volume é “sociedade pós-industrial”. O termo certamente é usado de várias maneiras por diferentes autores, mas se refere a uma sociedade onde a economia é dominada pelo setor dos serviços e não pela indústria ou, como em tempos pré-industriais, pela agricultura. É certo que a atividade econômica dominante gera consequências com relação à natureza dos resíduos que são produzidos pela sociedade (e também para a espécie de recursos de que a sociedade necessita). Em uma sociedade agrária, é produzido principalmente o lixo orgânico; em uma sociedade industrial, o próprio processo de produção é frequentemente muito poluente e, em uma sociedade pós-industrial, chama atenção a quantidade de lixo eletrônico, que está crescendo rapidamente.

Pós-modernismo e pós-industrialismo se relacionam. Na mudança da “sociedade tradicional” para a Modernidade, os indivíduos perderam as âncoras fixas que posicionavam o lugar de alguém na sociedade. Estas âncoras poderiam consistir, por exemplo, em relações de parentesco, em unidades territoriais (como uma aldeia) ou em classes sociais. Na Modernidade, quando as âncoras consagradas pelo tempo perderam sua força, a posição social das pessoas tornou-se incerta. Assim, o rompimento dessas amarras redundou tanto em incerteza como em liberdade (ERIKSEN, 2010b; De THEIJE e BAL, 2010; SALMAN, 2010). No mundo moderno, quando as estruturas tradicionais fixas foram abandonadas, as pessoas tiveram liberdade, mas também foram exigidas a fazer escolhas individuais para determinar sua posição na sociedade, contudo, obviamente, constringidas por restrições sociais (BAUMAN, 2000, p. 18-23; GIDDENS, 1991).

Uma maneira de encontrar o próprio lugar na sociedade moderna é através das escolhas de consumo. Enquanto o avanço para a modernização era possivelmente liderado pelo Ocidente, as sociedades fora do Ocidente (que, muitas vezes, tinham sido colonizadas pelo Ocidente) também adotaram a modernidade, mas seletivamente, escolhendo o que mais lhes convinha (COLOMBIJN e COTE, 2015). Por exemplo, para os mineiros de Copperbelt, na Zâmbia, a modernização foi, entre outras coisas, “carros, ternos, roupas finas, uma gravata decente” (FERGUSON, 1999, p. 13). Na Indonésia, anúncios em jornais e revistas de meados do século XX promoveram roupas da moda, iluminação elétrica e utensílios modernos de cozinha. Do mesmo modo, coisas menos tangíveis e determinados comportamentos transmitiam a ideia de Modernidade: música ocidental, filmes americanos, cigarros e, especialmente para as mulheres, o uso de creme dental e um hálito fresco (BOGAERTS, 2012, p. 235-6; KUSNO, 2010, p. 168-81; MAIER, 1997; SCHULTE, NORDHOLT, 1997, p. 20). Evidentemente, as necessidades de consumo de uma

sociedade moderna tem consequências no que se refere ao volume e tipo de resíduos produzidos.

Em uma sociedade pós-moderna, ou, nas palavras de Zygmunt Bauman, na “modernidade líquida” (2000), a liberdade, assim como a vontade de escolher através do consumo, tornaram-se ainda maiores. Em um processo de objetivação, as pessoas interagem com os objetos materiais e, enquanto consumidores, ressocializam mercadorias das quais tinham sido afastados por não serem mais seus produtores (MILLER, 1995, p. 143). O resultado da combinação entre esta fase da modernidade líquida e a objetificação da cultura é um nível cada vez mais acelerado de consumo. A moda e obsolescência programada obrigam as pessoas a descartarem produtos que, em tempos pré-modernos, teriam sido utilizados por muito mais tempo. Desta forma, estão sendo produzidos muito mais resíduos do que os seres humanos poderiam gerar, se, simplesmente satisfizessem as suas necessidades materiais.

Outro efeito interessante da pós-modernidade na produção de resíduos é o seu transporte de longa distância, que ocorre em escala global. Assim, uma parte dos resíduos sólidos de países desenvolvidos viaja em grandes navios para África, Ásia e América Latina, sendo recebida como matéria-prima pelas comunidades economicamente carentes onde se concentra a maior parte dos catadores. De metais pesados retirados de computadores a lençóis sujos de hospitais (como os provenientes dos Estados Unidos e que foram vendidos no nordeste do Brasil, num caso escandaloso denunciado pela mídia em 2011<sup>5</sup>), o lixo circula em uma direção precisa – do Norte para o Sul global. Não é à toa, portanto, que estejam localizadas no Sul as mais bem sucedidas experiências de reciclagem e reaproveitamento.

---

5 Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/10/21/apreensoes-de-lixo-hospitalar-se-espalham-pelo-nordeste-e-preocupam-autoridades-de-cinco-estados.htm> consultado. Acesso em: 8 de fev. 2016.



No restante desta introdução, queremos discutir quatro abordagens antropológicas para o estudo dos resíduos sólidos e mostrar como as contribuições deste volume se relacionam com essas abordagens. A apresentação da disciplina feita na abertura explica as raízes dessas diferentes abordagens. Na primeira delas, a inclinação dos antropólogos para considerar a perspectiva de dentro resultou na investigação de enfoque *simbólico* voltado a compreender como as pessoas veem o lixo. A interrogação que nos guia aqui é: o que é classificado como resíduo e por que certos objetos são vistos dessa forma? A segunda abordagem é a *ecologia política*, segundo a qual o interesse dos antropólogos nas desigualdades sociais e de poder ganha um primeiro plano. A partir daí, o passo para uma abordagem mais reflexiva e autocrítica na investigação dos resíduos sólidos é pequeno. Por fim, a ambição de ver as sociedades de uma perspectiva holística pode ser reconhecida na quarta abordagem, na qual os pesquisadores analisaram a forma como as pessoas buscam o sustento com o tratamento de resíduos, mas têm de enfrentar desigualdades sociais e estereótipos negativos. Cabe notar que, em estudos concretos, diferentes abordagens podem ser combinadas. Apesar disso, nós tentaremos situar cada contribuição para este livro em uma das quatro abordagens.

### **O que é lixo para quem? Abordagens simbólicas para o lixo**

Nas páginas de abertura de seu trabalho seminal *Pureza e Perigo*, Mary Douglas escreveu a famosa frase: “A sujeira absoluta não existe: ela existe aos olhos do observador. [...] A sujeira ofende a ordem. Eliminá-la não é um movimento negativo, mas um esforço positivo para organizar o ambiente” (DOUGLAS, 2002 [1966], p. 2). De acordo com Douglas, nada é inerentemente sujo e as coisas só são considerados poluentes quando são “matéria fora do lugar”, isto é, “elementos

inapropriados” em um esquema de classificação (DOUGLAS, 2002 [1966], p. 44).

A obra de Mary Douglas gerou um impacto enorme no pensamento antropológico sobre resíduos. Muitas revisões de literatura iniciam por seu trabalho seminal (EVANS, CAMPBELL e MURCOTT, 2013, p. 8; JAFFE e DURR, 2010, p. 3-5; JEWITT, 2011, p. 610; KIRBY, 2011, p. 14-15; O'BRIEN, 2011 [2008], p. 125-133). Embora reconheçamos o louvor recebido como justificado, acreditamos que existem pelo menos dois problemas quando queremos aplicar o seu trabalho ao estudo dos resíduos.

Em primeiro lugar, sujeira não é exatamente o mesmo que lixo. Por exemplo, de acordo com as regras dietéticas do Levítico, o camelo, a lebre e o texugo podem ser ritualmente impuros, e cuspe, sangue, leite, urina, fezes ou lágrimas podem ser considerados perigosos porque atravessam a fronteira do corpo – e o corpo simboliza sociedade (DOUGLAS, 2002 [1966], p. 51, 150). Mas tanto o camelo como a saliva não são considerados lixo pelas sociedades estudadas por Douglas. Na verdade, o único lugar onde Douglas aborda o lixo talvez seja em uma passagem esquecida, quando ela argumenta que a sujeira removida da sociedade perde a sua identidade por um processo de “dissolução e apodrecimento”. Ela continua defendendo que “o lixo não é perigoso. Nem sequer cria percepções ambíguas, uma vez que pertence claramente a um lugar definido, um monte de lixo de uma espécie ou outra” (DOUGLAS, 2002 [1966], p. 197-198).

Em segundo lugar, se quisermos estudar os resíduos estritamente em termos simbólicos, poderíamos perder os seus aspectos físicos, ou seja, os resíduos não tratados podem causar doenças e gerar consequências biomédicas reais. Como nos lembram Rivke Jaffe e Eveline Dürr (2010, p. 5): “Em muitos aspectos, a poluição é uma construção cultural, mas é, simultaneamente, “objetivo”, um fenômeno

quantificável que afeta negativamente a saúde humana e ecológica”. Após essas duas ressalvas, gostaríamos de enfatizar, no entanto, que consideramos a ideia de Douglas de poluição como algo perigoso e extremamente útil para a compreensão da posição social das pessoas que lidam com resíduos e que através da “contaminação” ritual ou “contágio”, se tornam simbolicamente contaminadas. A mesma lógica de contaminação perigosa aplica-se a lugares (da lata de lixo ao aterro) que são comumente associados aos resíduos.

Michael Thompson (1979, p. 97) compartilha a mesma opinião de Mary Douglas, de que o lixo - ele prefere o termo lixo ao invés de sujeira ou resíduos - só é lixo aos olhos do observador, mas, ao contrário de Douglas, olha para as qualidades inerentes dos objetos. Ele distingue entre objetos “transitórios” que diminuem de valor (produtos alimentares perecíveis, computadores com tecnologia ultrapassada), objetos “duráveis” que aumentam de valor ao longo do tempo (antiquidades, por exemplo) e uma categoria intermediária de objetos sem valor: lixo. Um objeto transitório declina gradualmente em valor e se não se desintegra em pó, desliza para a categoria de lixo, onde tem a chance de ser descoberto, como roupas *vintage* e charutos. A fronteira entre lixo e não lixo muda em resposta às pressões sociais e as pessoas com maior poder têm a maior chance de mudar as categorias em seu favor (THOMPSON, 1979, p. 7-11). Em um nível mais alto de abstração, Thompson (1979, p. 88-91) argumenta que o lixo é uma categoria cultural de coisas que não se encaixam em nossa visão de mundo e as pessoas conspiram para não ter de enxergá-lo. A intenção, portanto, é eliminar o “lixo” da nossa visão de mundo.

Igor Kopytoff (1986) não está tão interessado no lixo como está na mercantilização de objetos, mas a sua abordagem biográfica das coisas parece se encaixar perfeitamente com as ideias de Michael Thompson. Nesta abordagem biográfica, podemos levantar questões

como: Quais são as possibilidades biográficas de uma coisa? Qual a sua trajetória até este momento? Como as coisas mudam ao longo de seu tempo de vida útil? Quais são os seus marcadores culturais? Quando chega a etapa final de sua utilidade? Um bom exemplo é o oferecido por Caroline Knowles (2014), que seguiu a vida de chinelos de dedo através do globo, desde a perfuração de óleo que formou sua matéria-prima até o aterro final na África oriental, onde os chinelos são abandonados. Ela poderia ter levado a análise mais longe, já que o aterro certamente não foi o estágio final dos chinelos de dedo.

Para fechar esta primeira abordagem antropológica dos resíduos sólidos, o ponto a ser ressaltado é que o lixo não é um objeto auto-evidente, mas uma categoria socialmente construída. Como explica John Scanlan: “a criação do lixo é resultado de uma separação - o desejável do indesejável, o valioso do sem valor e, na verdade, o digno ou cultural do ordinário ou sem significado significado” (SCANLAN, 2005, p. 15). Quando aceitamos a natureza construída do lixo, podemos fazer as perguntas-chave “O que é lixo? E para quem é?” (DRACKNER, 2005, p. 175).

## **Ecologia política**

O trabalho pioneiro de Mary Douglas ao qual nos referimos acima mostra como é importante investigar o que o lixo significa para as pessoas, embora, na sua totalidade, a obra tenha olhado pouco para as diferenças sociais dentro de uma sociedade. No entanto, as narrativas que explicam a qualidade do meio ambiente em geral ou dos resíduos em particular são influenciadas por interesses políticos e econômicos (NUNAN, 2015, p. 31; ROBBINS, 2004, p. 12). A abordagem simbólica dos resíduos sólidos deveria, portanto, ser complementada por uma abordagem enraizada na ecologia política.

Paul Robbins (2004, p. 12) define a *ecologia política* como “explorações empíricas, baseadas em pesquisas voltadas a explicar as ligações na condição e mudança dos sistemas sociais/ambientais, com ênfase nas relações de poder”. Por definição talvez, essas relações de poder são desiguais e, conseqüentemente, a pesquisa relativa aos resíduos sólidos envolve estudo do exercício e distribuição desigual de poder. Buscar justiça social é um objetivo central de uma análise de ecologia política porque há uma compreensão normativa de que existem formas de interação humano-ambientais mais sustentáveis e menos exploradoras (tanto da natureza como de pessoas). A análise das relações de poder é também uma questão de escala e os problemas ambientais locais devem ser estudados no contexto de influências nacionais e internacionais (BRYANT, 1992; JAFFE & DURR, 2010, p. 16; NUNAN, 2015, p. 32-34, 51-52; ROBBINS, 2004, p. 12).

Alguns exemplos ajudam a demonstrar a importância de uma abordagem para os resíduos sólidos a partir da *ecologia política*. David Pellow fez um estudo histórico sobre como minorias de baixa renda e minorias “raciais” lidam com o peso dos problemas ambientais em Chicago, situação para a qual ele cunhou o termo “guerra do lixo” (PELLOW, 2002). Na mesma perspectiva, em um artigo sobre a relevância dos resíduos sólidos, N. Gregson e M. Crang observam que americanos de classe média lutam com afinco para manter aterros fora de seu bairro e que a localização dos depósitos de resíduos é desproporcionalmente próxima a bairros com uma elevada percentagem de negros (GREGSON e CRANG, 2010). David Satterthwaite (2003: 78), lembrando-nos que 30-50 por cento dos resíduos não são recolhidos em cidades no Sul Global, argumenta que as áreas de renda mais baixa têm os serviços de coleta de resíduos menos adequados. Desta forma, resíduos sólidos se acumulam em espaços abertos e ruas, entopem esgotos, tornando-se vetores de atração para

pragas e doenças. A distribuição desigual das consequências relativas aos resíduos sólidos tem ramificações internacionais. Por exemplo, na cidade de Guiyu (China), cerca de 100.000 pessoas processam o lixo eletrônico (computadores, geladeiras, telefones celulares) através de métodos inseguros: queima de fios ao ar livre ou tratamento de placas de circuito para recuperar metais preciosos em banhos ácidos abertos. Em 2006, 17 pessoas morreram em Abidjan (Côte d'Ivoire) e milhares necessitaram de tratamento médico após terem contato com o navio *Probo Koala*, altamente poluído. O navio havia deixado o porto de Amsterdã, onde uma empresa se ofereceu para limpá-lo por € 500.000. Marfinenses então “fizeram” o trabalho por € 18.500 (ELLIOTT, 2013, p. 64, 131).

Jo Beall e Sean Fox (2009, p. 144) resumem a relação paradoxal entre a desigualdade e ambiente ordenado:

Riqueza produz abundância de resíduos, enquanto a pobreza não o faz; [...] Pobreza encoraja a eficiência na reutilização e reciclagem de materiais residuais, enquanto a riqueza não o faz; e [...] meios de subsistência urbanos construídos a partir da conservação de recursos e reciclagem, ironicamente e tragicamente, se baseiam nas desigualdades de renda e de consumo que persistem.

Rivke Jaffe e Eveline Dürr (2010: 16-17) apontam para outra relação entre poder, desigualdade e resíduos sólidos. Áreas poluídas sofrem por contágio e, conseqüentemente, o lixo parece ser mais visível e mais sujo quando está em uma área ocupada por um grupo estigmatizado. Assim, não apenas a sujeira estigmatiza as pessoas, mas também um estigma faz as pessoas ou uma área parecerem sujas. Essa percepção é importante para o estudo da coleta de resíduos sólidos. Em contraste com os catadores de resíduos, catadores em sistemas formais são normalmente protegidos contra este estigma “através do uso de tecnologia intermediária ou da associação com o Estado e sua

autoridadeautoridade” (DiGREGORIO, 1994, p. 1), como é o caso de catadores estudados por Morbidini em Belo Horizonte.

## **Abordagens críticas**

É pequeno o passo que separa a *ecologia política* de uma abordagem explicitamente crítica com relação à produção de resíduos sólidos. A maior parte das críticas está enraizada em uma crítica mais geral, relativa a um estilo de vida consumista. Para Thorstein Veblen, o desperdício conspícuo é o companheiro inevitável do consumo conspícuo. Sua crítica com relação à elite ociosa, não produtiva, implica uma crítica da produção conspícua de resíduos (O'BRIEN, 2011, p. 156-159). Talvez possamos estender a tese de Veblen, de que o consumo conspícuo é uma forma de ganhar prestígio social, para a produção do desperdício evidente. Ser capaz de descartar produtos mais caros (a compra de um carro novo e cobertas a cada três anos) é uma maneira de ganhar prestígio social. Mais de um século depois de Veblen publicar seu clássico de 1899, *A teoria da classe ociosa*, Jeff Ferrell, seguindo seus passos, lamentou o consumo excessivo no que ele chama de “sociedade descartável” (O'BRIEN, 2011, p. 108). Visto desta perspectiva, a experiência de uma cidade japonesa para se tornar uma “sociedade resíduos-zero” é louvável.<sup>6</sup>

Outro estudo crítico clássico foi o publicado por Paul Sweezy, em 1942. O autor tentou resolver um problema marxista. Se Marx estava certo de que o capitalismo tem um mecanismo inerente para se expandir, surge a questão do que fazer com a produção quando o modo capitalista de produção atingiu seu estágio final, quando não existem novos mercados a se deixarem conquistar. Sweezy argumenta que o excesso de produção é absorvido pelos gastos não produtivos

---

<sup>6</sup> Como esta cidade não produz resíduos. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?-time\\_continue=10&v=eym10GGidQU](https://www.youtube.com/watch?-time_continue=10&v=eym10GGidQU). Acesso em: 21 fev. 2016.

do desperdício, essenciais para evitar o colapso do capitalismo. Se a produção excedente não é reinvestida ou consumida, deve ser desperdiçada. Como qualquer novo investimento simplesmente agrava o problema do excesso de produção, o *comportamento desperdício* é a forma mais importante para se livrar do excedente de produção (O'BRIEN, 2011, p. 160-163). Uma estratégia dos fabricantes para garantir a continuidade do consumo, gerando desperdício, é a “obsolescência planejada do produto” (JAFFE e DURR, 2010, p. 15).

Outra forma de crítica que vale a pena mencionar, embora venha de fora do universo acadêmico, é a arte. John Scanlan fala de “estética do lixo”. Ele cita, como exemplo, Damien Hirst. O artista criou uma obra com garrafas vazias de cerveja, cinzeiros e jornais espalhados no chão de uma galeria. Um trabalhador do local, acreditando que fosse lixo remanescente de alguma festa, jogou tudo fora. Posteriormente, declarou: “não pensei por um segundo que era uma obra de arte” (SCANLAN, 2005, p. 16, 89). Um destino semelhante teve uma obra de Gustav Metzger, exibida na Galeria Tate; era um saco plástico de lixo cheio de papel e cartão que, surpreendentemente, foi jogado fora por quem limpava o museu (JAFFE & DURR, 2010, p. 21).

As várias formas de crítica não ficaram isentas de contestação. Para Martin O'Brien, o termo “sociedade lixo” tem uma conotação positiva. Ele argumenta que o lixo tem sido sempre parte da sociedade humana (isto é, o Ocidente e, principalmente, Inglaterra); pessoas viveram no meio de resíduos e fizeram bom uso destes. Por exemplo, a revolução científica decorrente da Revolução Industrial não poderia ter se disseminado, de maneira tão rápida como ocorreu, sem os trapos que formaram os recursos para a confecção do papel, no qual as invenções técnicas foram divulgadas. Os trapos foram tão preciosos que a Inglaterra (e também França, Espanha, Portugal e Países Baixos) proibiu a sua exportação. No século XIX, a Grã-Bretanha im-



portou trapos de países longínquos como Austrália, China e Estados Unidos, tornando-se um dos primeiros exemplos de comércio global de resíduos sólidos (O'BRIEN, 2011, p. 58-59). Resíduos são “absolutamente centrais para a vida” e “as sociedades desenvolvidas e ricas no mundo de hoje não devem ser interpretadas como ‘sociedades de consumo’, mas como ‘sociedades de lixo’” (O'BRIEN, 2011, p. 4-5). As sociedades de hoje não desperdiçam mais que a de seus avós (O'BRIEN, 2011, p. 83-105). O autor ainda conclui:

*A sociedade contemporânea organiza seus resíduos de maneiras diferentes daquelas utilizadas por seus antecessores imediatos e não tão imediatos, mas é errado sugerir que os cidadãos de hoje são mais insensíveis e desdenhosos com relação às consequências de seus atos de desperdício. Ao longo da história da sociedade industrial tem havido interesses diretos na produção, circulação e consumo de substâncias residuais” (O'BRIEN, 2011, p. 178).*

N. Gregson, A. Metcalf e L. Crewe (2007) chegaram a uma conclusão similar. Eles argumentam que o conceito de “sociedade descartável” classifica injustificadamente, descartando coisas como se fossem intrinsecamente ruins. Tal conceito nega o registro histórico e arqueológico do modo pelo qual os seres humanos descartam coisas e não considera como as pessoas também mantêm cuidadosamente as coisas ou, quando as coisas são descartadas, não se tornam automaticamente resíduos.

## **Modos de vida**

A inclinação dos antropólogos para analisar sociedades a partir de uma perspectiva holística se torna mais evidente no estudo dos catadores de lixo e outros indivíduos que encontram um meio de vida no tratamento de resíduos. As demais abordagens mencionadas acima retornam no estudo dos modos de vida. Sem sombra de dúvida, tan-

to as pessoas que trabalham para o departamento de limpeza urbana como os catadores estão realizando uma tarefa útil para a sociedade. No entanto, muitas vezes, esses indivíduos são pouco respeitados. A abordagem simbólica desenvolvida por Mary Douglas ajuda a explicar este opróbrio social. Modernização é simbolizada por limpeza e vice-versa. Pessoas que manipulam o lixo são facilmente associadas ao atraso. O estigma ligado à coleta de resíduos é quase universal. Além das considerações de natureza prática, como evitar o tráfego, por exemplo, coletores de lixo, muitas vezes, operam antes do amanhecer para ficarem fora da vista dos outros residentes (JAFJE e DÜRR, 2010, p. 10, 15). A *ecologia política* também ajuda a entender a posição social destes indivíduos. Hierarquias sociais e étnicas desiguais são frequentemente reforçadas por campanhas discriminatórias para eliminar o lixo das cidades e “sujeira e lixo serviram de marcadores de distinção racial e nacional e tiveram igualmente implicações de classe e de gênero” (JAFJE e DÜRR, 2010, p. 8).

Não se pense, no entanto, que a reciclagem está livre de contratempos. A privatização desta atividade é uma ameaça permanente ao trabalho informal dos catadores, que pouco podem fazer diante do poderio econômico das grandes corporações que dominam o mercado da reciclagem. Por outro lado, embora as cooperativas e a integração à rede municipal de coleta tenham elevado o status social dos catadores da informalidade ao trabalho parcialmente assalariado, continua pesando um forte estigma (GOFFMAN, 1988).

O estudo dos modos de vida de quem atua no tratamento de resíduos sólidos pode ser convenientemente combinado com outras abordagens voltadas ao tema. Obviamente, o estudo dos meios de vida não é domínio exclusivo dos antropólogos. Especialistas em estudos das cidades, como os urbanistas, fazem um trabalho quantita-

tivo bastante interessante nessa direção (por exemplo, LEDERER et al., 2015; PERMANA et al., 2015;. SHEN et al., 2011).

Muitas pessoas têm apontado o papel positivo que os catadores desempenham na coleta de resíduos sólidos e na redução do volume desses resíduos por meio da triagem do que é reciclável. Em uma das primeiras monografias sobre coleta de resíduos, Michael DiGregorio afirma que “a coleta de resíduos sólidos pode ser melhor conceituada como uma ocupação, um processo de trabalho em sentido lato, e uma indústria” (1994, p. 1). Martin Medina (2000) distingue onze formas diferentes de coleta dessa natureza, mas, com base em pesquisa na Indonésia, Colômbia acredita que o sistema de coleta de resíduos é, na realidade, ainda mais complexo, abarcando tarefas diferentes. Seja qual for a posição ocupada pelos catadores no fluxo de resíduos, o comum, para eles, é o reconhecimento dos resíduos sólidos como um recurso e também o grau variável de opróbrio social (DiGREGORIO, 1994, p. 1).

Peter Nas e Rivke Jaffe (2004) direcionam o foco para as redes sociais em que os catadores atuam. Por exemplo, catadores têm uma relação com sucateiros que pode ser caracterizada como um emprego, uma relação de mercado ou uma relação de dívida. Do mesmo modo, fábricas que processam materiais recicláveis, intermediários, assim como o governo local, são parceiros relevantes. Todos esses atores podem intervir na vida dos catadores: autoridades podem reprimir, negligenciar, trabalhar em conjunto ou estimular a coleta dos resíduos. Um caso clássico de intervenção do Estado com consequências desastrosas é a destruição intencional dos recicladores de lixo de Zabaleen, no Cairo. A coleta e tratamento de resíduos sólidos barata e eficiente feita pela Zabaleen foi substituída por uma coleta mais “moderna” do Estado (FAHMI e SUTTON, 2006).

Seria, no entanto, incorreto pensar que há uma ausência de reciclagem no interior das fronteiras dos países desenvolvidos. Encontramos lojas de usados e profícuos projetos sociais que integram grupos socialmente vulneráveis, como é o caso exemplar, em Amsterdã, dos dependentes de álcool empregados pela prefeitura municipal como catadores de lixo. Ao se apresentarem ao trabalho diariamente, eles recebem algumas cervejas, e outras no intervalo de descanso para almoço e ao final do expediente. Com isto, tem garantido um salário, uma inserção social, e, mais importante, a ausência da angústia de buscar o álcool diariamente. O projeto oferece ajuda aos que tentam sair da dependência química, com cursos e reuniões, sendo no entanto, opcional a frequência. De fato, catar não é uma atividade exclusiva dos países mais pobres, como atestam os catadores nos Estados Unidos.

Se os países economicamente desenvolvidos são os maiores produtores de lixo e os países menos desenvolvidos os menores, a América Latina situa-se em um patamar intermediário. Destaca-se pela maior concentração de catadores informais, e o Brasil, particularmente, pela organização dos catadores em cooperativas, um movimento (MNCR) que conta, hoje, com mais de 80.000 catadores como membros e forte apoio governamental.

Na prática, os capítulos integrantes deste livro não lidam com a sociedade pós-industrial em geral, mas se concentram em dois países: Brasil e Holanda (com um pequeno desvio para uma ex-colônia da Holanda, Indonésia). A escolha destes países, embora fortuita, deve-se à simples razão de que esses são os lugares onde os pesquisadores têm trabalhado, colaborando com o programa CAPES-NUFFIC. Um dos países é uma economia emergente; o outro, um antigo poder econômico. Um dos países é conhecido por sua desigualdade social;

o outro, pela sua política de bem-estar social-democrática. Um país é reconhecido pela área da terra e população amplas; o outro é de pequenas dimensões. Os dois países, juntos, cobrem toda uma gama de temas de investigação fascinantes e têm se destacado (por motivos diversos) no processamento do lixo.

A Holanda, como nos mostra Viviane Kraieski em capítulo deste livro, “recicla 79% das 60 milhões de toneladas de resíduos sólidos por ano, e cerca de 50% dos 8,5 milhões de toneladas de lixo doméstico por ano (...) 16% do lixo produzido na Holanda são incinerados, e somente 4% vão para aterros sanitários”. No Brasil, os números são bem menos favoráveis, pois apenas 2% dos resíduos sólidos são reciclados no país. As melhoras econômicas verificadas no país, com a ascensão econômica de milhões de pessoas, não tiveram uma contrapartida positiva no modo de lidar com os restos de um novo consumo.

A produção de resíduos sólidos no Brasil cresceu 1,35% mais que a população brasileira, que teve aumento de 0,9% no mesmo período (...) a população brasileira produziu 62.730.093 toneladas de resíduos sólidos em 2012. Deste total, 17,3% foram depositados em lixões, 24,2% em aterros controlados e 58% em aterros sanitários,

mostra Kraieski. Em quê, então, se destacaria o Brasil, em se tratando de lixo? Ora, as cooperativas de catadores, organizadas em redes nacionais e internacionais, são exemplares de uma política estatal bem-sucedida.

“O lixo de uns é o tesouro de outros” – e o ditado vale até mesmo para classes médias e altas. Brechós, lojas de materiais de construção recicláveis e reaproveitáveis, “sebos” recolocam na cadeia de consumo alimentos, livros, roupas usadas, discos de vinil, objetos que, muitas vezes, para além de seu valor de uso e de troca, agregam um valor

simbólico (BAUDRILLARD, 1972) pelo fato de terem sido lixo em algum momento de sua trajetória de vida (KOPYTOFF, 1986), como nos mostram os capítulos de Kraieski, Rial, Hellebrandt, Rocha, Schneider e Almeida.

Kraieski nos fornece um abrangente apanhado teórico que passa por autores pioneiros como Thompson e Mary Douglas (1966) até mais contemporâneos, como Appadurai e Miller, para pensar as percepções sobre os resíduos sólidos dos brasileiros que migraram para a Holanda, indivíduos que, assim, experienciaram dois contextos sociais distintos de definição do lixo.

A passagem de algo de lixo a objeto de consumo, de “sujo” a “limpo”, como vimos, nos termos de Douglas, é um processo de purificação que segue determinadas normas sociais e é realizado por indivíduos com diferentes motivações. Entre os de camadas médias e altas, está relacionado à economia de custo, mas, também, a outros valores sociais. Como nos mostra o capítulo de Rial sobre a reciclagem e o reaproveitamento de material resultante de demolições por parte de um grupo de ecologistas em Florianópolis, na década de 1980, este consumo pode expressar ethos e visão de mundo específicos. O processo de autoconstrução empreendido por eles tem duplo significado pois, através da escolha de material reaproveitado se constrói a casa e se constrói um novo estilo de vida, fundado em valores menos “consumistas”.

Florianópolis também é o lugar da observação empreendida por Schneider e Almeida de práticas sociais onde o resíduo sólido alimentar, a xepa, é reaproveitado como comida ou como composto orgânico que alimentará futuros alimentos. Os vários projetos de reaproveitamento do “lixo” alimentar em execução (Disco Xepa, Revolução dos Baldinhos, Sustentável, entre outros) atestam o destaque de Florianópolis em termos de políticas públicas de reciclagem, ao

mesmo tempo que ecoam um ethos ecologista implantado a partir da década de 1980, e hoje presente entre os integrantes de grupos organizados, como o do Movimento Slow Food.

Em outra época e em outro lugar, as práticas alimentares de cunho ambiental dos imigrantes transnacionais em Amsterdã, estudadas por Rocha, também expressam um estilo de vida onde as escolhas de consumo podem, eventualmente, “dar sentido aos seus projetos de vida”. Múltiplos fatores são levados em conta nas escolhas alimentares destes transmigrantes. Comer local ou distante, a baixo custo ou em um comércio justo, produtos com embalagens plásticas ou in natura, comprando em supermercados de grandes redes ou no pequeno comércio? Separar ou não separar o lixo, reciclar ou não? As respostas de um mesmo indivíduo podem variar, dependendo das circunstâncias externas favoráveis ou não. Circunstâncias de cunho local – ninguém na casa separa, por que eu vou separar? – ou de uma ordem mais ampla – “Na China eu não separava o lixo porque não era usual; na Itália separava, mas é mais complicado, e aqui, em Amsterdã, separo”.

Hellebrandt também percorreu a Holanda, ou, mais precisamente, as lojas e feiras de um consumo, o de discos de vinil, até pouco tempo fadado à extinção. O *Vinyl Revival* presente globalmente é particularmente forte ali, colocando o país em 5<sup>o</sup> lugar entre os que mais consomem estes discos. Partindo da ideia de Daniel Miller de que, para se entender o lugar dos bens na sociedade, é preciso se indagar sobre a relação entre as pessoas e as coisas, Hellebrandt visitou cinco feiras e algumas das quase 30 lojas destes discos na cidade, conversando com clientes – ou melhor, colecionadores - e proprietários. Seria

possível que se mantenha na modernidade um objeto feito com uma tecnologia criada em um período anterior à sociedade de cultura agorista (nowist, conforme BAUMAN,

2007) em que o conceito de obsolescência programada e incorporado no cotidiano?

Também pesquisando em Amsterdã, Margarete Nunes e Luciano Jahneka questionam um dos maiores estranhamentos para um brasileiro: a “simbiose entre o povo holandês e a água”, o viver sobre as águas, em barcos, no meio da cidade. O que se faz com o lixo? Seriam as águas urbanas poluídas como no Brasil? E os barcos, moradias de pobres? Suas respostas podem surpreender num capítulo que serve também como porta de entrada para se conhecer um pouco mais da cidade e da Holanda, país que incinera boa parte do seu lixo, transformando-o em energia.

No Brasil, os projetos de transformação de lixo em gás metano são recentes, mas têm alto potencial. Um estudo recente da instituição estatal responsável pelo biogás no país mostra que o Brasil tem potencial de gerar 23 bilhões de metros cúbicos por ano de biometano, o que corresponderia a mais de um terço da energia gerada pela hidroelétrica de Itaipú. E ainda mais: a pesquisa calcula que o custo de um megawatt de energia assim gerado<sup>7</sup> é mais vantajoso comparado a outras fontes, como as micro-hidroelétricas ou a energia solar. Infelizmente, porém, são poucos os projetos de transformação de lixo em gás metano, e não há, atualmente, programas governamentais de incentivo. Mesmo sem um programa efetivo de incentivo ao setor, já existem projetos em desenvolvimento no país.<sup>8</sup>

---

7 Poderiam ser gerados 37 milhões de megawatts pela incineração de lixo - um megawatt a um custo para ser gerado através de biogás de R\$2,5 milhões, em 2016.

8 Entre eles, um dos destaques é o pequeno município de Entre Rios do Oeste, no Paraná, que tem quatro mil habitantes e 140 mil suínos. A cidade começou obras para gerar energia a partir dos dejetos de porcos, e o objetivo é atender a 100% da demanda do município. As primeiras etapas de operação do projeto, que envolvem fazendeiros criadores de suínos e aves, começaram em janeiro. Ao todo, 19 propriedades participam - em parceria com a Companhia Paranaense de Energia (Copel)



E o que pensar do impacto do aumento de resíduos sólidos em grupos sociais antes alheios ao lixo industrial? O capítulo de Arisi e Cantero aborda a questão do lixo a partir da experiência dos índios Matis (que vivem na segunda maior terra indígena brasileira) e dos índios Guarani (catadores no Paraguai), e apresentam algumas de suas preocupações relacionadas ao aumento recente do consumo de objetos industriais e do seu descarte. Para os Matis, sem dúvida, é um novo problema: não é à toa que pilhas usadas, por exemplo, recebam o nome *pëxó* – o mesmo dado ao veneno das flechas.

Novos (e velhos) consumos, novos lixos. Numa perspectiva de ecologia política que leva em conta a globalização, o capítulo de Lima e Guivant aborda os resíduos sólidos provenientes dos eletroeletrônicos (*e-waste*) que despontam hoje “como elementos potencialmente tóxicos superando em muito as antigas engrenagens que faziam parte do aparato tecnológico da sociedade da informação anterior”. Os países emergentes são os grandes receptores deste lixo tecnológico, num trabalho geralmente realizado pelo setor informal, que expõe os recicladores a graves doenças. Exemplo disto é o bairro de Sher Shah, em Karachi, no Paquistão, onde mais de 20.000 pessoas atuam na reciclagem do lixo eletrônico proveniente dos Estados Unidos, de países europeus, e de países asiáticos mais desenvolvidos economicamente. O mesmo pode ser visto na Índia ou em Gana. Também no Brasil, considerado o 5º maior mercado de eletrônicos, o *e-waste* tornou-se um problema grave de saúde pública e ambiental. O número de toneladas de lixo eletrônico existente aqui, e as que se anunciam para

---

e o Centro Internacional de Energias Renováveis (CIBiogás). E um projeto de parceria público-privada (PPP) da CS Biogás usa dejetos urbanos e o lodo do esgoto sanitário para gerar energia. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/petroleo-e-energia/pais-tem-potencial-para-gerar-30-da-energia-de-itaipu-partir-do-lixo-18718173#ixzz40uEN9HVa/>. Acesso em: 23 fev. 2016.

os próximos anos, reveladas no capítulo, certamente surpreenderão os leitores.

Se o Brasil se destaca mundialmente na reciclagem pela organização em rede das cooperativas de catadores, o mesmo não se pode dizer sobre outros tipos de resíduos sólidos. O atômico, por exemplo, para o qual não estamos preparados. Um exemplo é o desastre radioativo com o céσιο-137, em Goiânia, em 1987. Como reagem as pessoas envolvidas em um crise que produziu 6.000 toneladas de rejeitos potencialmente fatais? Que sentimentos apresentam em face da convivência com o hóspede indesejado, que é o lixo radioativo e com a construção de uma paisagem nuclear no espaço onde se encontra hoje o depósito de rejeitos? Também aqui há uma estigmatização dos afetados pelo lixo? O capítulo de Camargo acompanha por 28 anos as diferentes narrativas sobre este desastre atômico, num apanhado que inclui documentos escritos (jornais, revistas, artigos científicos), imagens fotográficas que integram seu acervo pessoal e anotações registradas em diários e cadernetas de campo.

Outra dificuldade: como lidar com os corpos humanos, quando passam a serem resíduos? Em um texto que lembra os melhores best-sellers policiais de Patrícia Cornwell, Fonseca nos detalha os intrincados caminhos percorridos por corpos humanos nos laboratórios periciais, onde, por falta de uma infraestrutura adequada, tornam-se um problema para os funcionários que não têm outra saída que a de acumularem os fragmentos de ossos e tecidos humanos em geladeiras, em corredores estreitos. Não podem ser descartados como um objeto qualquer, uma vez que se exige deste lixo especial um fim “digno”, respeitoso de sua natureza humana. De fato, a pergunta do diretor de um dos laboratórios pesquisados não tem fácil resposta: “O que faço? Jogo o material na baía da Guanabara – como os militares costumavam fazer com os cadáveres (dos presos políticos assassinados)?”.

Lixo em museus – teria o espaço nobre o poder de limpar o sujo? Pode a arte ser saída para o estigma? A pesquisa etnográfica realizada por Morbidini em Belo Horizonte aponta neste sentido, mostrando o impacto da criação de museus sobre os estigmas dos catadores. A arte feita com lixo foi também o tema explorado no capítulo de Eichenberger, no qual se faz um apanhado dos artistas contemporâneos que têm usado resíduos sólidos em suas composições, para focalizar com maior detalhe o trabalho de artistas holandeses com os quais a autora teve um contato direto. Eichenberger mostra como a paisagem urbana é duplamente impactada por esta inusitada reciclagem artística: com o lixo retirado e por abrigar as obras de arte resultantes.

A experiência brasileira – que será vista com mais detalhes no capítulo de Colombijn e Morbidini e na etnografia de Morbidini em Belo Horizonte – teve início nos anos 1980, com ações de ONGs católicas que organizaram os catadores informais em cooperativas nos grandes centros urbanos do sul e sudeste. A grande virada veio em 1989, quando as prefeituras de Porto Alegre e de São Paulo passaram a integrá-las (assim como os catadores informais individuais) no gerenciamento municipal dos resíduos sólidos. A experiência de assalariar os catadores espalhou-se para outros municípios (Belo Horizonte em 1993, Santo André em 1997) e, como resultado do 1º encontro nacional dos Catadores de Papel realizado em Brasília, em 1999, criou-se o Movimento Nacional de Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Em 2003, realizou-se o 1º Congresso Latino Americano de Catadores, em Caxias do Sul, unificando em rede as diversas organizações de catadores na América Latina.<sup>9</sup> O sucesso

---

<sup>9</sup> Ver <http://www.mnrcr.org.br/sobre-o-mnrcr/sua-historia>. Acesso em: 18 jan. 2016. Hoje, há cooperativas de catadores em 12 países latino-americanos: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela (FER-NANDEZ e CHEN, 2015, p. 28).

destas redes pode ser exemplificado pelo contrato obtido durante a Copa do Mundo realizada no Brasil em 2014 para a coleta de resíduos sólidos nos estádios - 840 catadores organizados em cooperativas locais recolheram mais de 400 toneladas de material reciclável (FERNANDEZ e CHEN, 2015, p. 26).

Como mostra Kraieski no seu capítulo,

ainda que a produção e destinação de resíduos sólidos seja uma preocupação global, e que as políticas públicas devam encontrar soluções mais adequadas de forma a combater os problemas socioambientais, o lixo também deve ser compreendido em seus aspectos socioculturais, que orientam a forma como os sujeitos consomem e como significam o que – e como – devem ser descartados os objetos.

Este foi o objetivo central do livro que se segue. Boa leitura.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. *Para uma crítica da economia política do signo*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

BAUMAN, Zygmunt. *Liquid modernity*. Cambridge and Malden: Polity Press, 2000.

BEALL, Jo; FOX, Sean. *Cities and Development*. London and New York: Routledge, 2009.

BOGAERTS, Els. “‘Whither Indonesian culture?’ Rethinking ‘culture’ in Indonesia in a time of decolonization”. In: LINDSAY, Jennifer; LIEM, Maya H.T. (Orgs.). *Heirs to world culture: Being Indonesian 1950-1965*. Leiden: KITLV Press, 2012. p. 223-53.

BRYANT, Raymond L. “Political ecology: An emerging research agenda in Third-World studies”. *Political Geography*, v. 11, p. 12-36, 1992.

CHEN, Marty. “Waste”. *Revista – Harvard Review of Latin America*, v. XIV, n. 2, 2015.

COLOMBIJN, Freek; COTÉ, Joost. “Modernization of the Indonesian city, 1920-1960”. In: \_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (orgs.). *Cars, conduits, and kampongs: The modernization of the Indonesian city, 1920-1960*. Leiden, Boston: Brill, 2015. p. 1-26.

CREWE, Emma; AXELBY, Richard. *Anthropology and development: Culture, morality and politics in a globalised world*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

DE THEIJE, Marjo; BAL, Ellen. “Flexible migrants: Gold miners and their quest for human security in Surinam”. In: ERIKSEN, Thomas Hylland; BAL, Ellen; SALEMINK, Oscar (Orgs.). *A world of insecurity: Anthropological perspectives on human security*. London and New York: Pluto Press, 2010. p. 66-85.

DiGREGORIO, Michael R. *Urban harvest: Recycling as a peasant industry in northern Vietnam*. Honolulu: East-West Center, 1994.

DOUGLAS, Mary. *Purity and danger: An analysis of concept of pollution and taboo*. London & New York: Routledge, 2002 [1966].

DRACKNER, Mikael. “What is waste? To whom? – An anthropological perspective on garbage”. *Waste Management & Research*, v. 23, p. 175-181, 2005.

ELLIOTT, Jennifer A. *An introduction to sustainable development* [fourth edition]. London and New York: Routledge, 2013.

ERIKSEN, Thomas Hylland. *Small places, large issues: An introduction to social and cultural anthropology* [third edition]. London and New York: Pluto Press, 2010a.

\_\_\_\_\_. “Human security and social anthropology”. In: \_\_\_\_; BAL, Ellen; SALEMINK, Oscar (Orgs.). *A world of insecurity: Anthropological perspectives on human security*. London and New York: Pluto Press, 2010b. p. 1-19.

EVANS, David; CAMPBELL, Hugh; MURCOTT, Anne. “A brief pre-history of food waste and the social sciences”. *The Sociological Review*, v. 60, n. 2, p. 5-26, 2013.

FAHMI, Wael Salah; SUTTON, Keith. “Cairo’s Zabaleen garbage recyclers: Multi-nationals’ takeover and state relocation plans”. *Habitat International*, v. 30, p. 809-837, 2006.

FERGUSON, James. *Expectations of modernity: Myths and meanings of urban life on the Zambian Copperbelt*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1999.

FERNANDEZ, Lucía; CHEN, Martha. “Recycling Livelihoods”. *Revista – Harvard Review of Latin America*, v. XIV, n. 2, 2015.

GIDDENS, Anthony. *Modernity and self-identity: Self and society in the late modern age*. Stanford: Stanford University Press, 1991.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GREGSON, Nick; CRANG, Michael. “Materiality and waste: inorganic vitality in a networked world”. *Environment and Planning A*, v. 42, p. 1026-1032, 2010.

\_\_\_\_.; METCALFE, Alan; CREWE, Louise. “Identity, mobility and the throwaway society”. *Environment and Planning D*, 25, p. 682-700, 2007.

JAFFE, Rivke; DÜRR, Eveline. “Introduction: Cultural and material forms of urban pollution”. In: \_\_\_\_; \_\_\_\_\_. (Orgs.). *Urban pollution: Cultural meanings, social practices*. New York, Oxford: Berghahn, 2010. p. 1-29.

JEWITT, Sarah. “Geographies of shit: Spatial and temporal variations in attitudes towards human waste”. *Progress in Human Geography*, v. 35, p. 608-626, 2011.

KIRBY, Peter Wynn. *Troubled natures: Waste, environment, Japan*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2011.

KNOWLES, Caroline. *Flip-flop: A journey through globalisation's backroads*. London: Pluto Press, 2014.

KOPYTOFF, Igor. "The cultural biography of things: Commoditization as process". In: APPADURAI, Arjun (Org.). *The social life of things: Commodities in cultural perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. p. 64-9.

KUSNO, Abidin. *The appearances of memory: Mnemonic practices of architecture and urban form in Indonesia*. Durham and London: Duke University Press, 2010.

LEDERER, Jakob; ONGATAI, Amosiah; ODEDA, Dyllis et al. "The generation of stakeholder's knowledge for solid waste management planning through action research: A case study from Busia, Uganda". *Habitat International*, v. 50, p. 99-109.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes tropiques*. Paris: Plon, 2015 [1955].

MAIER, Henk. "Maelstrom and electricity: Modernity in the Indies". In: NORDHOLT, Henk Schulte (Org.). *Outward appearances: Dressing state and society in Indonesia*. Leiden: KITLV Press, 1997. p. 181-197.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonauts of the Western Pacific: An account of native enterprise and adventure in the archipelagoes of Melanesian New Guinea*. New York: E.P. Dutton, 1961 [1922].

MEDINA, Martin. "Scavenger cooperatives in Asia and Latin America". *Resources, Conservation and Recycling*, v. 31, p. 51-69, 2000.

MILLER, D. "Consumption and commodities". *Annual Review of Anthropology*, v. 24, p.141-161, 1995.

MONTALVO, Tina; MARTIN, Charles. "Trash into Treasure". *Revista – Harvard Review of Latin America*, v. XIV, n. 2, 2015.

NAS, Peter J.M.; JAFFE, Rivke. "Informal waste management: Shifting the focus from problem to potential". *Environment, Development and Sustainability*, v. 6, p. 337-353, 2004.

- NUNAN, Fiona. *Understanding poverty and the environment*. London and New York: Routledge, 2015.
- O'BRIEN, Martin. *A crisis of waste? Understanding the rubbish society*. New York, London: Routledge, 2011 [2008].
- PELLOW, David Naguib. *Garbage wars: The struggle for environmental justice in Chicago*. Cambridge and London: The MIT Press, 2002.
- PERMANA, Ariva Sugandi; TOWOLIOE, Sherly Norsiah; AZIZ, Abd et al. "Sustainable solid waste management practices and perceived cleanliness in a low income city". *Habitat International*, v. 49, p.197-205, 2015.
- ROBBINS, Paul. *Political ecology: A critical introduction*. Malden: Blackwell, 2004.
- SALMAN, Ton. "Taking risks for security's sake: Bolivians resisting their state and its economic policies". In: ERIKSEN, Thomas Hylland; BAL, Ellen; SALEMINK, Oscar (Orgs.). *A world of insecurity: Anthropological perspectives on human security*. London and New York: Pluto Press, 2010. p. 23-44.
- SATTERTHWAITE, David. "The links between poverty and the environment in urban areas of Africa, Asia and Latin America". *The ANNALS of the American Academy of Political and Social Sciences*, 590, p. 73-92, 2003.
- SCANLAN, John. *On garbage*. London: Reaktion Books, 2005.
- SCHULTE NORDHOLT, Henk. "Introduction". In: \_\_\_\_ (Org.). *Outward appearances: Dressing state and society in Indonesia*. Leiden: KITLV Press, 1997. p. 1-37.
- SHEN, Li-Yin; OCHOA, J. Jorge; SHAH, Mona N. et al. "The application of urban sustainability indicators – A comparison between various practices". *Habitat International*, v. 35, p.17-29, 2011.
- THOMPSON, Michael. *Rubbish theory: The creation and destruction of value*. Oxford: Oxford University Press, 1979.